



**A moda no M.S.A. 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Contributo para a datação da iluminura**

**La moda en el M.S.A. 1 de la *Crónica General de España de 1344*. Contribución a la datación de la iluminación**

**Fashion in M.S.A. 1 of the *General Chronicle of Spain of 1344*. Contribution to the dating of the illuminura**

Catarina Martins TIBÚRCIO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo parte de um estudo sobre os modos de vestir, calçar, pentear e enfeitar a cabeça, patentes no manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa, M.S.A. 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Por cremos que este tipo de reprodução nos revela hábitos de reis, nobres e povo, no que toca à moda de determinada época da história de Portugal, neste caso, relativos à data de execução da iluminura do manuscrito, utilizaremos essas informações no intuito de contribuir para uma datação mais precisa dessa iluminura, questão ainda envolta em alguma polémica. Para dotar as nossas conclusões de maior consistência faremos também a comparação entre as representações de moda da *Crónica de 1344* da Academia, e aquela que aparece em manuscritos iluminados internacionais coevos.<sup>2</sup>

**Abstract:** This article starts from a study about the fashion we could observe in the illumination of the manuscript of the Science Academy of Lisbon, known as M.S.A. 1 of the *Crónica Geral de Espanha de 1344*. We believe that this kind of reproduction reveals us the daily habits of kings, noble men and people, in what concern the dress fashion of a precise time of Portugal's history, in this case, the fashion habits from the period this manuscript was made. We will use that information to contribute to a more accurate

---

<sup>1</sup> Bolseira de Doutoramento em *História da Arte Medieval* do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, referência SFRH/BD/114758/2016. E-mail: [catarina.tibrcio@gmail.com](mailto:catarina.tibrcio@gmail.com).

<sup>2</sup> No intervalo temporal que admitimos para a realização da iluminura da *Crónica* da Academia, a partir do estudo exaustivo da iluminura da *Crónica de 1344* da Academia que realizamos na dissertação de mestrado defendida em 2013. TIBÚRCIO, Catarina Martins. *A iluminura do Manuscrito 1 Série Azul da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa: da técnica e do estilo individual ao posicionamento no seu ambiente criador*. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars* 8 (2018/1)

*Between the sacred and the profane: paths of Western Art*  
*Entre lo sagrado y lo profano: caminos del Arte occidental*  
*Entre o sagrado e o profano: caminhos da Arte ocidental*

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

date for the illumination of this manuscript, which is now a controversial question. To give to our conclusions a bigger consistency, we will do a comparison between the fashion in the illumination of M.S.A. 1 and the fashion in the illumination of other international contemporary illuminated manuscripts.

**Palavras-chave:** Moda – Iluminura – Crónica – Século XV.

**Keywords:** Fashion – Illumination – Chronic – 15th Century.

ENVIADO: 16.04.2018

ACEPTADO: 05.06. 2018

\*\*\*

## Estado da questão e considerações iniciais

A *Crónica Geral de Espanha de 1344* representa o importante momento de transição entre a tradição linhagística, enquanto fonte única da historiografia portuguesa e o exercício cronístico propriamente dito. Na sua elaboração reuniram-se e refundiram-se fontes, de proveniência vária, que deram origem a textos com uma vertente narrativa e histórica mais elaborada, à semelhança do que em Castela já havia sido proporcionado pela ação dinamizadora de Afonso X. Embora o assunto que tratava – a história dos povos da Hispânia – não se revestisse de novidade, isso não impediu a inovação.

Esta *Crónica de 1344* não se caracteriza apenas por um esforço compilatório de fontes antigas castelhanas. D. Pedro Afonso, Conde de Barcelos, filho ilegítimo de D. Dinis e autor da *Crónica de 1344*, juntou ao principal texto fonte – a *General Estoria* de Afonso X –, uma rica variedade de novas fontes, circunstância que afastou a redação portuguesa das narrativas afonsinas, conferindo-lhe grande originalidade. O texto conta a história dos reinos hispânicos, desde os tempos da criação, passando por todos os povos que dominaram a Península Ibérica, até à Reconquista e à constituição dos reinos cristãos depois dos godos.

Após a sua conceção, caiu aparentemente no esquecimento. Só volvida a centúria se fez notar por parte dos reis da jovem dinastia de Avis, o reacender do interesse pelo texto da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. De tal forma que, durante o século XV foram feitas, em Portugal, duas cópias de aparato desta obra. Mas talvez, mais importante do que isso, a *Crónica de 1344* foi o principal alicerce da cronística régia, que se desenvolveu nesta centúria e que teve início com a redação da *Crónica de*



*Portugal de 1419*, cujo texto foi extraído da parte correspondente aos feitos dos reis de Portugal da *Crónica de 1344*.

Fizeram-se cópias portuguesas e castelhanas deste texto, sobretudo durante o século XV, e outras, em mais reduzido número, durante o século XVII.<sup>3</sup> É uma das duas cópias completas portuguesas do século XV, a mais ricamente iluminada, aquela que estudamos neste artigo: o Manuscrito Série Azul 1 da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. As iluminuras do *manuscrito L* da *Crónica de 1344* – como chamou Cintra ao manuscrito da Academia, designação que vamos adotar daqui em diante neste artigo – apresentam grande quantidade e diversidade. A sua profusão ao longo de toda a obra, a exuberância dos ornatos, das figuras, dos desenhos geométricos e das arquiteturas, ilustra luxuosamente o texto. A reprodução do quotidiano é uma constante, na decoração dos fólhos do manuscrito. Esta circunstância determinou, pela nossa parte, o estudo da sua iluminura figurada, enquanto importante testemunho dos hábitos de vestir da época em que foi criada.

Por outro lado, o caso da decoração deste códice não ter paralelo com nenhum dos outros manuscritos da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, nem com nenhum outro manuscrito coevo, produzido em Portugal, que seja hoje do nosso conhecimento, apoia a tese de encomenda real defendida por Lindley Cintra. Na lista dos livros da biblioteca de D. Duarte, constante no chamado *Livro da Cartuxa de Évora*, aparecem duas *Crónicas de Espanha*, uma das quais em cadernos, e uma *Crónica de Portugal*. De acordo com Cintra, uma dessas *Crónicas de Espanha* seria o *manuscrito L* e a outra um texto primitivo da *Crónica de 1344*, fonte da igualmente citada *Crónica de Portugal*.<sup>4</sup> Munido de toda a informação que reuniu, Cintra localizou, com alguma segurança, a produção do *manuscrito L* no círculo de D. Duarte e nas primeiras décadas do século XV.

Divergente posição, em relação à cronologia é assumida por Horácio Peixeiro, que aproxima esta iluminura de meados do século XV.<sup>5</sup> Com os dados compilados até à data, não localizamos a feitura da iluminura do manuscrito na década de 20, como propôs Lindley Cintra, mas tão-pouco a colocamos no decénio de 50, como avança

---

<sup>3</sup> Luís Filipe Lindley Cintra finalizou em meados do século XX, a primeira edição crítica do texto da *Crónica de 1344*, onde o provou de origem portuguesa e de autor português, em CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Crónica Geral de Espanha de 1344 / ed. crítica do texto português*. 2. ed. Lisboa: INCM, 2009, p. XLII-CLXC.

<sup>4</sup> *Idem*, p. CLXXXIX-CLXC.

<sup>5</sup> PEIXEIRO, Horácio Augusto. “Imagem e Tempo: Representações do poder na *Crónica Geral de Espanha*”. In: *Revista de História da Arte*, n. 7, 2009, p. 152-177.



Horácio Peixeiro. Decorrente do estudo preliminar por nós realizado na tese de mestrado, mantemos a hipótese de esta datar dos anos 30, ou quanto muito de princípios de 40, de Quatrocentos.<sup>6</sup> É esta tese, relativa à datação do manuscrito da Academia, que tentaremos corroborar ou refutar com base na análise pormenorizada às modas de roupa, chapelaria, calçado e cortes de cabelo. Este artigo terá, pois, como fundamento metodológico a estrita análise formal da iluminura figurada e historiada presente no manuscrito quatrocentista, não cabendo aqui nem análises iconográficas ou iconológicas, nem as relações que poderá ou não estabelecer com o texto. O seu *valor significativo*, como lhe chama Aires do Nascimento,<sup>7</sup> decorrente da articulação com o texto será por momentos posto de parte. Focar-nos-emos apenas no testemunho dos usos de uma época, componente que também caracteriza estas imagens.

Em 2009, Horácio Peixeiro escreveu um artigo para a *Revista de História da Arte*, onde menciona um facto relacionado com a moda apresentada na *Crónica de 1344*, e que no seu entender poderá sustentar a ideia que defende, de que a iluminura do manuscrito da Academia data da década de 50 do século XV.<sup>8</sup> Expõe que o tipo de vestuário e cortes de cabelo aí representados correspondem a uma moda que nasceu em França em 1420. Verificaremos adiante se pela nossa parte confirmamos esta afirmação e, em caso afirmativo, que profundidade lhe pudemos conferir, de modo a comprovar ou contestar, por um lado, a tese de Horácio Peixeiro e, por outro, a nossa.

## I. A Moda como elemento para datar manuscritos

Acompanhando os acontecimentos narrados no texto, a iluminura figurativa e historiada da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, reproduz ambientes laicos cortesãos, cuja natureza reveladora do quotidiano de corte a reveste de uma enorme utilidade para o estudo a que agora nos propomos. Não é, contudo, só a vida cortesã que é explorada pelos iluminadores da *Crónica de 1344* da

---

<sup>6</sup> Seguindo a teoria de Lindley Cintra que aponta para a redação do manuscrito da Academia, da *Crónica de 1344* na década de 20 do século XV, defendemos que a iluminura datará da década de 30 da mesma centúria, quanto muito com conclusão nos primeiros anos da década de 40. Ver TIBÚRCIO, Catarina Martins. *A iluminura do Manuscrito 1 Série Azul da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa: da técnica e do estilo individual ao posicionamento no seu ambiente criador*. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, p. 149-164.

<sup>7</sup> NASCIMENTO, Aires Augusto. *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*, v. 1, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2012, p. 319-326.

<sup>8</sup> PEIXEIRO, Horácio Augusto. “Imagem e Tempo: Representações do poder na *Crónica Geral de Espanha*”. In: *Revista de História da Arte*, n. 7, 2009, p. 152-177.

Academia. Cenas que retratam as atividades rurais do povo abundam igualmente por toda a obra. Porém, como nos diz Margaret Scott, no seu livro intitulado *Medieval Dress and Fashion*,<sup>9</sup> era a classe aristocrática que criava e seguia as modas que, durante o século XV, se alteraram a uma velocidade sem paralelo com épocas anteriores. Logo, é nos costumes do trajar desta classe social que, neste século, passou a encarar o escrupuloso cumprimento das tendências no modo de se apresentar, uma parte fundamental para a boa conduta do homem e da mulher de corte, que podemos apoiar com maior firmeza as nossas aferições.

A iluminura deste manuscrito conduz-nos por várias viagens ao imaginário e quotidiano tardo-medievais. Uma das representações que se desenvolve com maior profusão por toda a obra é, sem dúvida, a do traje. Tal como em tantos outros manuscritos contemporâneos desta *Crónica de 1344* hoje conhecidos, do mesmo género literário ou outro, a ilustração que recorre a retratos da realidade nos seus mais diversos domínios é, como também para a pintura noutros suportes, um importantíssimo documento histórico. Por esse motivo, e no que em particular à história da moda diz respeito, os autores que a estudam tentam contá-la socorrendo-se da informação fornecida pela expressão artística da época, onde a pintura e nomeadamente a iluminura adquirem grande relevo. No texto que apresentamos, utilizamos a informação fornecida por esses estudos da história da moda, no final da Idade Média e na Europa, combinada com conclusões resultantes da comparação entre a moda representada no M.S.A. 1 da *Crónica de 1344* e outra patente em manuscritos iluminados internacionais, cuja data de execução é conhecida. Restringimo-nos nesta análise comparativa a manuscritos internacionais, pois não são conhecidos atualmente manuscritos portugueses, desta época, com decoração figurativa semelhante.

Partimos do pressuposto de que o conjunto de iluminuras do manuscrito da *Crónica de 1344* da Academia foi executado de uma só vez, sem consideráveis interregnos, possibilidade aliás que nos parece a mais plausível, decorrido o primeiro estudo que dela fizemos.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> SCOTT, Margaret. *Medieval Dress and Fashion*. British Library, 2009.

<sup>10</sup> Apesar de termos defendido a presença de três mãos na execução da iluminura do manuscrito, não existe, na nossa perspetiva, qualquer interregno na sua realização. Ver TIBÚRCIO, *op. cit.*, p. 149-164.

Analisaremos então detalhadamente cada componente do vestuário, calçado, chapelaria, etc., de ambos os gêneros,<sup>11</sup> sustentando-nos paralelamente nos dados procedentes da bibliografia de apoio.<sup>12</sup> Confrontaremos depois estas realidades com aquelas divulgadas por outros manuscritos da mesma época, para os quais existe uma data de realização determinada. De notar que as notícias que retiramos da bibliografia de apoio referem-se não só ao caso português, como também ao de outros países europeus, que em diferentes alturas no século XV exerceram grande influência na moda europeia e na moda nacional em particular.<sup>13</sup> É, pois, do cruzamento entre todas estas informações que retiraremos as conclusões possíveis.

## II. A Moda do M.S.A.1 da *Crónica de 1344*

Conforme nos contam os autores que estudamos,<sup>14</sup> é em meados do século XIV que se inicia a revolução do vestir na Idade Média. Enquanto até aí o vestuário se havia mantido praticamente inalterado no decorrer dos séculos, é por volta de 1340 que a roupa e os acessórios começam a sofrer transformações que se vão sucedendo com uma rapidez cada vez maior, atingindo o auge de mutação durante o século XV. Recuaremos, por isso, algumas vezes ao século XIV e abordaremos simultaneamente, como já foi dito, a realidade para ambos os gêneros, já que a moda feminina acompanhava, em larga medida a masculina, que é por esta altura a mais diversificada.

### II.1. O vestuário masculino

Deixamos de lado a roupa interior, que para o nosso estudo não tem relevância, e começamos pela primeira veste de cima, que cobria a parte superior do corpo do homem: o gibão. Segundo Oliveira Marques,<sup>15</sup> esta peça de vestuário adquiriu diferentes designações no final da Idade Média. Poderia chamar-se gibão, *doublet* ou

<sup>11</sup> Excluimos das iluminuras analisadas aquelas que pelo seu mau estado de conservação impedem a boa apreensão do que está representado.

<sup>12</sup> Ver bibliografia consultada nas últimas páginas deste artigo.

<sup>13</sup> Sobre a influência inglesa e borgonhesa nos reinados de D. João I e D. Duarte e a influência francesa no reinado de D. Afonso V, em SEQUEIRA, Gustavo de Matos. *História do traje em Portugal*, s.d..

<sup>14</sup> Para a moda europeia ver SCOTT, Margaret. *Medieval Dress and Fashion*. British Library, 2009; BROOKE, Iris. *English costume of the later Middle Ages: the fourteenth and fifteenth centuries*. London: A. & C. Black, 1935 (3<sup>rd</sup> edition, Joseph Press, 2008); YARWOOD, Doreen. *European Costume – 4000 years of fashion*. B.T. Batsford, 1975 e THIENEN, Frithjof van. *Huit siècles de costume*. Verviers: Gérard, 1961. Para o caso português ver MARQUES, A. H. de Oliveira. “O traje”. In: *A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

<sup>15</sup> MARQUES, *op. cit.*, p. 37.

*pourpoint*. Os diferentes nomes têm que ver com pequenas mudanças que foi sofrendo, mantendo-se a sua função e formato. Adotaremos, de qualquer modo, daqui em diante a designação de gibão, sempre que nos referirmos a esta vestimenta.

Como dissemos, o gibão era uma das chamadas vestes de cima, ou seja, exteriores, a primeira que se vestia por cima da roupa interior e que podia ser complementada, ou não, por outras que se lhe sobrepunham. Apareceu em Portugal no meado do século XIV. Era enchumado para aumentar o peito e os ombros do homem. Depois apertava na cintura e caía sobre as ancas.<sup>16</sup> Os gibões que nos são mostrados na *Crónica de 1344* da Academia têm mangas estreitas e compridas abotoando no antebraço. A meia gola é fechada ou exibe uma pequena abertura ao nível do pescoço, e em comprimento dão pelo meio da coxa. De acordo com Oliveira Marques, estas são particularidades dos gibões que se usaram até ao meado da centúria, no nosso país.<sup>17</sup> Esta informação condiz, na verdade, com iluminura estrangeira, como por exemplo, a de um Livro de Horas francês, datado de cerca de 1430, que mostramos na imagem abaixo (imagem 1).

Imagem 1



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 155r. Fonte: IMAGO; *Livro de Horas*, França, ca. 1430, MS M. 64 fls. 6r e 8r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

Um grupo de populares que se encontra na margem de pé do fólio 155r, da *Crónica de 1344* da Academia, usa o gibão como sobreveste única, salvo um ou outro capeirão (capa curta com capuz) que trazem aos ombros. Exibem o diminuto comprimento desta vestimenta, que deixa à vista a *braguilha* das calças, peça que, dado o

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 38.

encurtamento do gibão, servia de proteção aos genitais e que atava às calças. Trazer o gibão como veste única parece muito comum no meio popular. Um dos homens que pertence a este grupo de populares, do fólho 155r, aparenta trazer uma segunda veste por cima do gibão. Julgamos tratar-se de uma *cote-hardie*, pela forma e comprimento das mangas, a 3/4. *Cote-hardie* é um tipo de saia, ou saio, que se usava por cima do gibão. Como nos explica Oliveira Marques, estes saios, no século XIV, eram usados arrastando pelo chão ou pelo joelho. Foram depois subindo até atingir o cimo da coxa entre 1450 e 1460. Voltaram a descer novamente ao joelho cerca de 1470.<sup>18</sup> O saio masculino é chamado, genericamente, de *houppelande* ou opa (em português). Sofreu ao longo do século XV sucessivas alterações, originando vários géneros, sendo um deles a *cote-hardie*, de que falamos. Pelo que se nos dá a entender, esta, a *cote-hardie*, era um estilo de opa muito usado pelo homem do povo, conforme constatamos, quer nos fólhos da *Crónica de 1344* da Academia, quer nos fólhos dos manuscritos estrangeiros consultados, como dois Livros de Horas franceses, um de cerca de 1430-35, e o outro de cerca de 1420-1430 (imagem 2).

Imagem 2



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fls. 155r e 233r. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, França, Paris, ca. 1430-1435, MS M. 359, fl. 9r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org); *Livro de Horas*, França, provavelmente Rouen, ca. 1420-1430, MS. M. 27 fl. 11v. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

Apesar de até aquiirmos aludindo a hábitos de vestir do povo, daqui em diante cumprimos com o que havíamos estabelecido ao princípio e vamos centrar-nos nas práticas de moda da nobreza. Como tivemos ocasião de mencionar anteriormente, as modas neste século são implementadas e rigorosamente seguidas pela corte, o que já não acontece com o povo e mesmo com a burguesia, que, ao invés disso, recuperam

<sup>18</sup> *Idem*, p. 56.

reiteradamente modelos de vestuário ultrapassados, se comparados com aqueles experimentados pela nobreza e realeza.<sup>19</sup>

Como referimos brevemente atrás, na transição do século XIV para o século XV, a *houppelande* ou opa era justa no pescoço e nos ombros e o corpo abria em *evasé* até ao chão ou tornozelo. As mangas eram muito largas, em forma de funil. A gola era alta e apertava até às orelhas. A saia tinha uma abertura à frente ou dos lados. A radical mudança ocorrida depois de 1420 foi a sua subida até à coxa acompanhando a medida do comprimento do gibão, embora até à década de 40 continuasse a ser frequente o uso da opa pelo joelho ou um pouco acima dele (imagem 3).

Imagem 3



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 266r. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, Bélgica, Bruges, ca. 1440, MS W.3 fls. 119va e 173va. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

No decurso do século XV, a opa teve de facto vários nomes, por exemplo *cote-hardie*, *jaque* ou *jaquette* ou *robe*.<sup>20</sup> Habitualmente tinham o mesmo corte. Variavam sobretudo

<sup>19</sup> SCOTT, Margaret. *Medieval Dress and Fashion*. British Library, 2009, p. 155.

<sup>20</sup> BEAULIEU, Michel et BAYLE, Jeanne. *Le costume en Bourgogne de Philippe Le Hardi à la mort de Charles Le Téméraire, 1364-1477*, Paris: Presses Universitaires de France, 1956, p. 46-55.

ao nível do detalhe: estilo da gola, das mangas, comprimento da saia e posição do cinto. Estas diferenças determinavam-lhe o nome e a função. Até cerca de 1440, as opas tinham golas redondas, ou abertas num curto v, ambas de pele, deixando ver a gola da veste interior (do gibão), características que confirmamos tanto na *Crónica*, quanto, por exemplo, num Missal francês datado de cerca de 1427 (imagem 4).<sup>21</sup>

Imagem 4



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 155r. Fonte: Projeto IMAGO; *Missal*, França, provavelmente Angers, ca. 1427, MS M. 146, fl. 141v. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

Kelly e Schwabe dataram, com maior precisão esta descida da gola da opa. Dizem que foi na década de 10 que a gola da opa encurtou e abriu no pescoço, tendo depois de 1425 assentado sobre os ombros, na preferencial forma redonda.<sup>22</sup>

Por outro lado, Frithjof van Thienen afirma que, especificamente na década de 30, as longas opas masculinas passaram a vestir-se pelo joelho, com a cintura baixa ou no seu lugar natural. Refere ainda que a opa, sobretudo a masculina, da terceira década do século XV, tem as mangas abalonadas que vêm na continuação do corpo da veste e que fecham no punho.<sup>23</sup> Acresce, ainda, que a manga abalonada ou *bag-pipe* teve, no

<sup>21</sup> KELLY, Francis M. and SCHWABE, Randolph. *A short history of costume and armour*, Newton Abbot: David Charles, 1972, p. 26.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>23</sup> THIENEN, Frithjof van. *Huit siècles de costume*. Verviers: Gérard, 1961.

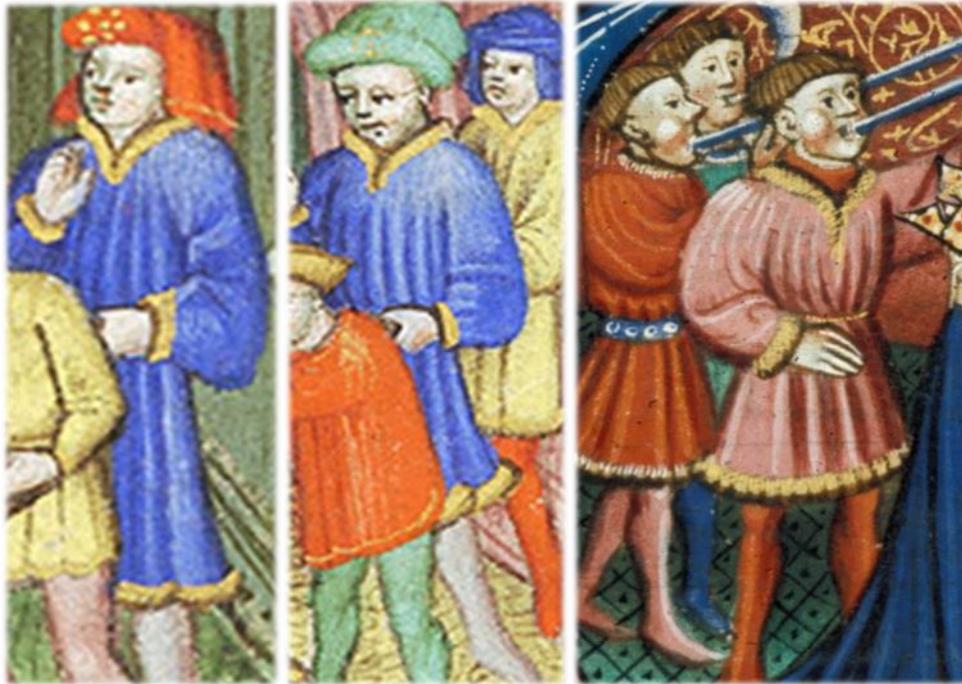
final da década de 30, uma variação que não tem representação na iluminura da *Crónica*, nem a identificamos igualmente nos manuscritos iluminados que consultamos: a dupla abertura, no punho e a meio da manga, que permitia a saída do braço quer por um, quer por outro orifício.<sup>24</sup>

Podemos então dizer que, para o sexo masculino, as mangas abalonadas de ombros caídos, as golas descidas redondas, debruadas a pele, e o comprimento pelo Joelho, com a bainha também em pele, tão frequentes nas opas dos nobres representados na *Crónica* (imagem 5), não serão nem anteriores aos anos 20, nem muito posteriores ao ano de 1440, uma vez que depois dessa data as golas começaram a expandir a abertura em “V” sobre o peito e as mangas começaram a afunilar até ao punho e a aumentar de volume na zona dos ombros.

Imagem 5



<sup>24</sup> KELLY and SCHWABE, *op. cit.*, p. 28.



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fls. 182r e 185v. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, França, ca. 1430, MS M. 64 fl. 6r, fl. 57v e fl. 8r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

## II.2. O vestuário feminino

Para a mulher a situação é em tudo muito semelhante. As senhoras usavam uma cota como primeira veste de cima. Esta vestia-se sobre a camisa interior e podia ser inteira ou truncada e tinha mangas estreitas. Sobre a cota, que corresponderá ao gibão masculino, vestia-se, como para os homens, a opa, que nas mulheres veio substituir o pelote do século XIII.<sup>25</sup> No caso das senhoras, a opa manteve-se comprida, arrastando pelo chão, principalmente na primeira metade do século XV. Cobria quase por completo as vestes interiores. Viam-se somente os punhos das mangas da cota e, por vezes, a parte de baixo desta, através de algumas aberturas. No primeiro quartel do século XV, as opas femininas tinham mangas muito largas e compridas e gola alta.

Tal como aconteceu para os homens, a gola desceu antes do meado do século e começaram então a ser decotadas em forma de “V”. A abertura em “V” quando só frontal, ainda muito chegada ao pescoço, e com um largo tecido a cair sobre os

<sup>25</sup> MARQUES, *op. cit.*



ombros foi tendência própria do decênio de 30.<sup>26</sup> Só a partir dos anos 40, o decote em “V” passa a ser mais aberto, com menos tecido na gola, expondo mais o peito.<sup>27</sup>

Nas quatro reproduções perceptíveis que temos de damas de corte na *Crónica*, encontramos os atributos de vestuário próprios das mulheres dos anos 30 de Quatrocentos. D. Teresa, no fólio 160r, e uma das damas *dançarinas* do fólio 182r ostentam longas opas, pregueadas, de decote reduzido com volumoso tecido que cai sobre os ombros e largas mangas em funil (imagens 6 e 7). A representação de D. Urraca (fl. 266r) varia apenas no tipo de manga que aqui é abalonada, modelo também típico desta década de 30. Nos três primeiros casos, as cotas são visíveis apenas nos punhos e são de cor diferente daquela da opa, manifestando o sincronismo entre a iluminura da *Crónica* e as regras de vestuário feminino da primeira metade do século XV.<sup>28</sup>

Uma última particularidade das opas femininas da primeira metade de Quatrocentos, e que confirmamos uma vez mais na *Crónica*, tem que ver com a posição subida da cinta da mulher, que foi moda durante os três primeiros quartéis do século. A cintura é neste período subida, mas sem revelar ainda o *pregnant style*, que se desenvolveu somente após o final da década de trinta. Os cintos mais estreitos que se apresentam nestas composições correspondem, igualmente, a uma moda anterior aos anos 50, década em que na Flandres se passaram a usar cintos grossos que detinham a descida do decote que, como dissemos, passou a ter por essa altura, uma ampla abertura em “V” expondo o peito (imagens 6 e 7).<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> THIENEN, *op. cit.* e HOUSTON, Mary G. “Medieval costume in England and France: the 13<sup>th</sup>, 14<sup>th</sup> and 15<sup>th</sup> centuries”, *In: A technical history of costume*, vol. III, London: Adam & Charles Black, 1939, p. 163-166.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 174 e KELLY and SCHWABE, *op. cit.*, p. 34.

<sup>28</sup> YARWOOD, Doreen. *European Costume – 4000 years of fashion*. B.T. Batsford, 1975, p. 51.

<sup>29</sup> HOUSTON, *op. cit.*, p. 174.

**Imagem 6**



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fls. 160r, 182r, 266r e 182r. Fonte: Projeto IMAGO; *Le Miroir des Dames*, França, 1428, Royal 19 B XVI, fl. 2r. Fonte: [www.bl.uk](http://www.bl.uk); *Livro de Horas*, França, Paris, ca. 1420, MS M. 1000, fl. 230r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

No caso feminino podemos dizer que o vestuário aristocrático se adequa na integralidade à moda específica dos anos 30 do século XV, que felizmente é possível particularizar, a partir da informação extraída da bibliografia de apoio e que atestamos na iluminura internacional estudada.

**Imagem 7**



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 182r. Fonte: Projeto IMAGO; *Horas de Bedford*, França, 1423, Add. MS 18850, fl. 288v. Fonte: [www.bl.uk](http://www.bl.uk); *Le Livre des Quatre Dames*, França, ca. 1425, Add. 21247, fl. 69r. Fonte: [www.bl.uk](http://www.bl.uk); *Horas de Bedford*, França, 1423, Add. MS 18850, 1423, fl. 257v. Fonte: [www.bl.uk](http://www.bl.uk); *Horas de Beaufort Beauchamps*, Inglaterra, ca. 1430, antes de 1443, Royal 2 A XVIII, fl. 26r, [www.bl.uk](http://www.bl.uk).

### II.3. Outros detalhes do vestuário

Ainda no que respeita à opa masculina, convém debater um pouco mais uma das suas componentes principais para este século: as pregas. Isto porque o estudo que delas fizeram os autores é mais um forte indício de que a iluminura que estamos tratando mostra uma realidade própria da década de 30 do século XV. Doreen Yarwood afirma

que é a partir de 1420-25 que as mangas e peito da opa começam a ter pregas.<sup>30</sup> Estas vão sendo cada vez mais numerosas e regulares à medida que nos aproximamos de meados do século, e em diante. A estes factos, Frithjof van Thienen junta alguns dados ainda mais elucidativos. Separa os tipos de pregas representativos de cada década do século XV. Defende que entre os anos 20 e 40 as pregas das vestes são em pouco número e não regulares.

Entre 1440 e 1460, as pregas passam a apresentar-se em maior número e à mesma distância entre si. Entre os anos 60 e 70 vão-se estendendo até ao ombro divididas em dois grupos, um de cada lado do tronco (divisão favorecida pelo decote em “V” bem mais pronunciado).<sup>31</sup> Depois de 1470 recolhem ao espaço entre a cintura e meio do busto, e desaparecem depois, na última década do século XV. Ora, o tipo de pregueado que observamos na *Crónica*, não é tão farto, nem tão regular, como vemos em iluminura datada de 40 em diante (comparemos o tipo de pregas dos anos 30 [imagem 5], com aquelas que surgem a partir de 1440: imagem 4, Livro de Horas, Bruges, MS W.3).

Logo, parece-nos legítimo concluir, juntando a esta derradeira constatação todas as outras acima mencionadas, que as opas masculinas representadas no M.S.A. 1 da *Crónica de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa pertencem à década de 30 de 1400.

Uma última nota relevante, e que concorre para a mesma conclusão, tem que ver com um estilo de adorno das vestes de cima masculinas, que Oliveira Marques apelida de *vestimentas farpadas*, e que são muito comuns no nosso manuscrito. Afirma o autor que esta foi uma moda que vigorou, em Portugal, entre a segunda metade do século XIV e a primeira metade do século XV.<sup>32</sup> Vemo-las, com efeito, por várias vezes na *Crónica* e em iluminura estrangeira dos anos 20 e 30 do século XV (imagem 8).

<sup>30</sup> YARWOOD, Doreen. *European Costume – 4000 years of fashion*. B.T. Batsford, 1975, p. 56.

<sup>31</sup> THIENEN, Frithjof van. *Huit siècles de costume*. Verviers: Gérard, 1961.

<sup>32</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira. “O traje”. In: *A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987, p. 39.

**Imagem 8**



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 182r. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, França, Paris, ca. 1420, MS M. 1000, fl. 134r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org); *Missal*, Bélgica, Bruges, ca. 1420, M. 374, fl. 20v.

#### II.4. Calçado

Quanto aos sapatos, existe uma grande normalidade em todos os fólhos do manuscrito da *Crónica de 1344* da Academia. Kelly e Schwabe defendem que em torno de 1410 os sapatos de ponta exagerada, que já vinham do século anterior, perderam popularidade e durante os anos seguintes a sua forma tendeu a ser mais ajustada ao pé. Os grandes sapatos pontiagudos só tornariam a aparecer na década de 40. Para além disso, dizem que a maioria dos sapatos até 1440 eram fechados até ao tornozelo.

Na *Crónica* são, de facto, mostradas botas moderadamente pontiagudas, de cano baixo e de cor preta, ou seja, o correspondente à moda anterior a 1440. Se é assim para os homens, para as senhoras é impossível determinar o que calçam, os vestidos compridos impedem-nos de ver o que as damas levam nos pés. Contudo, para o período em questão, e segundo as palavras de Houston, o calçado das mulheres era muito similar ao dos homens.

## II.5. Chapéus e cortes de cabelo

No que respeita à cobertura da cabeça, a maior novidade para os homens do século XV, foi a imaginativa e engenhosa modificação que sofreu o capeirão ou capeirote do século XIV. Este capeirão era um capuz com uma pequena capa que cobria apenas os ombros. É no final de Trezentos que se iniciam as alterações e adaptações do capeirão. Primeiro cresce-lhe desmesuradamente a ponta do capuz. Depois a abertura do rosto passa a ser enfiada na cabeça, ficando o pano da capa de um lado e a grande ponta do capuz do outro. Para estas duas partes foram inventados arranjos fabulosos. Podiam ser os panos todos enrolados na cabeça, assemelhando-se o capeirão a um turbante; podia ser a parte da capa arranjada em forma de crista e a ponta do capuz pendida; ou aproveitando o seu grande comprimento, a longa ponta podia ser disposta rodeando o rosto ou assente no peito e ombro, caindo pelas costas.

A única pista mais consistente de que dispomos sobre este tema é a fornecida por Oliveira Marques, quando afirma que o período áureo dos grandes capeirões em Portugal se situou entre os anos 30 e 40 de Quatrocentos. Exatamente a mesma altura referem os autores estrangeiros, para a realidade das outras cortes europeias. Acrescenta Marques que este chapéu desapareceu só no último quartel do século XV.<sup>33</sup> Na *Crónica*, as formas mais inventivas deste chapéu não comparecem. No fólio 155r, dois dos nobres que acompanham o rei exibem duas fórmulas de arranjo do capeirão: uma mais ao estilo de turbante, com uma ponta solta e a outra, uma armação em crista, suportada por um *roundlet*, que correspondia a uma base enchumada que enfiava na cabeça e servia de suporte à arrumação dos panos do capeirão. Talvez a explicação para a ausência de mais capeirões e mais criativos resida no facto de estarmos perante uma iluminura executada no princípio da década de 30.

Neste tempo sabemos sim, muito em voga, os gorros de saco, acessórios para a cabeça que não apenas por coincidência achamos os preferidos dos iluminadores da *Crónica de 1344* da Academia e igualmente doutra iluminura internacional das décadas de 20 e 30 (imagem 9). Depois observamos toda uma panóplia de outros chapéus, que ao que apurámos são moda durante todo o século XV. São disso exemplo, os chapéus de aba larga e os pequenos barretes redondos justos à cabeça, ou os chapéus de palha, presença assídua nos fólios da *Crónica*, e que Marques afirma terem tido grande popularidade no princípio do século XV.

### Imagem 9

<sup>33</sup> MARQUES, *op. cit.*, p. 45.



Da esquerda para a direita, M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 231r. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, França, Rouen, ca. 1420-1425, MS M. 105, fl. 73r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org); *Livro de Horas*, França, Paris, ca. 1425-1430, MS M. 453, fl. 5v. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org); M.S.A 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, fl. 285r. Fonte: Projeto IMAGO; *Livro de Horas*, França, provavelmente Paris ou Angers, ca. 1435, MS M. 241, fl. 84r. Fonte: [www.ica.themorgan.org](http://www.ica.themorgan.org).

A originalidade e a grande diversidade de chapéus também tocaram ao género feminino que muito provavelmente se superou em excentricidade. Relativamente a este assunto, Marques menciona que já desde o último quartel do século XIV e até ao mesmo período do século seguinte, a grande tendência em Portugal foram as coifas de cornos.<sup>34</sup> Vemo-las a adornar a cabeça de uma dama na *Crónica*, mais especificamente, uma coifa de cornos de pontas separadas, ao uso da primeira metade do século XV

<sup>34</sup> No primeiro quartel do século XV a coifa possuía duas caixas laterais que tapavam as orelhas. Estas acabaram por subir dando origem à forma de dois cornos que assentavam em cima da cabeça.

(imagem 7, M.S.A. 1, fl. 182r).<sup>35</sup> Esta dama apresenta-se com o cabelo totalmente escondido pela coifa, com a fronte e as sobrancelhas rapadas à moda inglesa, francesa e borgonhesa das décadas de 20 e 30.<sup>36</sup>

Diferentemente, as imagens de D. Teresa e de D. Urraca parecem mostrar o cabelo ao estilo espanhol, onde o total desaparecimento do cabelo por debaixo da coifa, ditame da moda internacional durante boa parte do século XV, e que vimos no primeiro caso, não foi completamente aceite. A primeira usa um turbante de influência oriental, muito em voga na primeira metade do século XV (imagem 6, M.S.A 1, fl. 160r).<sup>37</sup> A segunda tem uma coifa cujo toucado nos parece semelhante à coifa borboleta (imagem 6, M.S.A. 1, fl. 266r). Nos dois casos, para além de deixarem à vista a melena nas laterais da cabeça, desconfiamos (por não ser nítido) que deixam cair uma trança pelas costas. Outra dama que toca harpa, na inicial iluminada do fólio 182r, exhibe uma coifa de rede com pedraria, deixando o entrançado do cabelo localizado sobre as orelhas, também ao estilo do início do século (imagem 6, M.S.A.1, fl. 182r).

No que respeita ao cabelo dos homens, comenta Thienen que, até 1450 eles tinham o cabelo com um corte *à tigela*, de franja curta e rapado na nuca, ficando com o mesmo comprimento a toda a volta da cabeça e acima das orelhas. Este é sem dúvida o corte de cabelo masculino do M.S.A. 1 da *Crónica de 1344* e da iluminura estrangeira até 1440 (Imagem 9, M.S.A. 1, fl. 285r e MS M. 241, fl. 84r). O rosto barbeado moda característica de todo o século XV<sup>38</sup> é também o estilo da maioria dos homens da *Crónica*.

## Conclusão

Após a análise comparativa entre as representações de vestuário e acessórios de moda na *Crónica de 1344* da Academia e noutros manuscritos datados das décadas de 20, 30 e 40 do século XV, suportada por vários estudos sobre estas matérias, consideramos que os dados mencionados corroboram a nossa hipótese que defende a execução da iluminura da *Crónica de 1344* da Academia da década de 30 de 1400.

<sup>35</sup> HOUSTON, Mary G. “Medieval costume in England and France: the 13<sup>th</sup>, 14<sup>th</sup> and 15<sup>th</sup> centuries. In: *A technical history of costume*, vol. III. London: Adam & Charles Black, 1939, p. 174.

<sup>36</sup> BROOKE, Iris. *English costume of the later Middle Ages: the fourteenth and fifteenth centuries*. London: A. & C. Black, London, 1935 (3<sup>rd</sup> edition, Joseph Press, 2008), p. 48.

<sup>37</sup> YARWOOD, Doreen. *European Costume – 4000 years of fashion*. B.T. Batsford, 1975, p. 59.

<sup>38</sup> KELLY, Francis M. and SCHWABE, Randolph. *A short history of costume and armour*. Newton Abbot: David Charles, 1972, p. 33.



Convém primeiro esclarecer, nestas reflexões finais, um ponto importante, que sustenta, no fundo, as nossas conclusões: o acompanhamento que, de facto, se fazia em Portugal, das tendências de moda que eram ditadas por outros reinos europeus, para percebermos se, na realidade, podemos estabelecer uma comparação plausível entre a realidade do manuscrito da Academia e os outros, estrangeiros, que incluímos no estudo.

Apesar de algum curto ou pontual atraso no seguimento das tendências internacionais, a moda no Portugal quatrocentista obedecia aos ditames que chegavam dos diferentes centros criadores de moda europeus, que foram para o século XV, a Inglaterra, a França e a Borgonha, ascendendo para o nosso país umas sobre as outras alternadamente durante a centúria. Destes núcleos chegavam a Portugal as novidades, as quais fomos debatendo no decorrer do artigo, em termos de roupa, calçado, chapelaria e cortes de cabelo, e que eram seguidas de modo rigoroso pelas gentes da corte.

Não obstante as constantes mutações na moda do século XV, a década de 40 marcou um ponto crucial de viragem nos usos dessa mesma moda, como já havia acontecido provavelmente em 1420 e que tornaria a acontecer na década de 70 e depois no final da centúria. Por este motivo, podemos definir um conjunto de atributos próprios da moda da década de 30, que com a entrada dos anos 40 foram gradualmente desaparecendo. Destaquemos então os mais relevantes: as opas dos homens têm golas redondas, ou com abertura chegada ao pescoço, peles nas golas, punhos e bainha, pregueado espaçado e irregular e manga abalonada, sem aberturas a meio da manga e de punho apertado no pulso. Esta manga é continuação do corpo da veste.

As opas das mulheres têm gola em “V”, de abertura reduzida, com panos largos que caem sobre os ombros, cintura subida com cinto estreito e mangas em balão ou em funil. Os sapatos de ambos os géneros não têm ponta bicuda e o cabelo dos homens está todo ao mesmo nível por cima das orelhas, com franja e rapado na nuca. É na década de 40 que paulatinamente se começam a operar mudanças nestas características típicas da década de 30, sucesso que não é visível para nenhuma das iluminuras, nem na da *Crónica*, nem na outra, dos manuscritos internacionais, das décadas de 20 e 30, que aqui examinamos e que constitui por si só, um vínculo inquestionável entre elas.

Por outro lado, analisando estas especificidades da moda de 30, em Portugal e nos centros produtores de moda europeus, atestamos, sem exceção, que qualquer desvio que possamos assinalar, em relação à moda da década de 30, está invariavelmente mais



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars* 8 (2018/1)  
*Between the sacred and the profane: paths of Western Art*  
*Entre lo sagrado y lo profano: caminos del Arte occidental*  
*Entre o sagrado e o profano: caminhos da Arte ocidental*

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

próxima de modas anteriores, sobretudo da década de 20 (por exemplo, as vestes farpadas, as opas em que a manga e o corpo são uma peça só, etc.) do que das alterações que foram sendo introduzidas na década de 40 e que deram origem a uma série de novos atributos que representaram a moda das décadas de 50 e 60.

Esta nova moda contrapõe, por assim dizer, as tendências da moda que foi feita até cerca de 1440 e que identificámos atrás. Após 1440 a manga da opa masculina passou a ser individualizada do corpo da veste, cada vez mais afinada em direção ao punho e alargada no ombro; as pregas cada vez mais regulares e em maior quantidade; atingiu-se o encurtamento recorde da opa masculina; e a gola, quer para homens, quer para mulheres, abriu num largo “V” sobre o peito, deixando à vista a roupa interior.

Nas opas das damas assiste-se também ao desaparecimento dos panos das golas que caíam sobre os ombros, ao aumento da grossura dos cintos e ao surgimento de mangas que se vão ajustando cada vez mais ao braço. Os sapatos voltam a ter ponta alongada, que excede o comedimento, justamente neste período, tal qual aconteceu com os chapéus das senhoras que atingem por esta altura dimensões desmesuradas. O cabelo dos homens mantém a franja, mas atrás vai crescendo até aos ombros (imagem 10).

É fácil verificar nas imagens da *Crónica de 1344* da Academia, que estas novidades introduzidas a partir da década de 40 do século XV não têm qualquer expressão. Ao invés disso condizem com a realidade espelhada pela iluminura internacional das décadas de 20 e 30. Neste ponto concordamos, portanto com a afirmação de Horácio Peixeiro quando fala de “uma moda que nasceu em França em 1420”. Mas como pensamos ter conseguido demonstrar, esta moda que nasce na década de 20 sofre novas modificações a partir de 1440 e por isso não corresponde àquilo que se usava em 1450, como defendia o autor.

Julgamos ter assim sustentado com segurança a filiação da iluminura da *Crónica de 1344*, da Academia das Ciências de Lisboa, aos anos 30 de Quatrocentos.

**Imagem 10**



*Chronique de la Bouquechardière*, França, Rouen, terceiro quartel do século XV, Harley MS 4376, fl 271r. Fonte: [www.bl.uk](http://www.bl.uk).

\*\*\*

**Bibliografia**

AFONSO, Luís Urbano. “A essência do médium: um estudo sobre as iluminuras marginais da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa”. In: *Cadernos de História da Arte*, Revista do Instituto de História da Arte – Centro de Investigação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n. 1, 2013.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars* 8 (2018/1)

*Between the sacred and the profane: paths of Western Art*  
*Entre lo sagrado y lo profano: caminos del Arte occidental*  
*Entre o sagrado e o profano: caminhos da Arte ocidental*

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

- AMADO, Teresa. “As imagens e o Texto Manuscrito Iluminado da Crónica Geral de Espanha 1344”, In: *ARLANE, revue d'études littéraires françaises*, n. 16, Lisboa, 1999-2000.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley, *Crónica Geral de Espanha de 1344 / ed. crítica do texto português*, 2. ed. Lisboa: INCM, Lisboa, 2009.
- FERNÁNDEZ, María Pandiello. *Estudio iconográfico de algunas representaciones en la Crónica Geral de Espanha de 1344. (Academia das Ciências, M.S.A. 1)*, Dissertação de mestrado em História da Arte Medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Agosto, 2012.
- BEAULIEU, Michel et BAYLÉ, Jeanne. *Le costume en Bourgogne de Philippe Le Hardi à la mort de Charles Le Téméraire, 1364-1477*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- BOUCHER, François. *History of costume in the west*. London: Thames and Hudson, 1967.
- BRADLEY, Carolyn. *A history of world costume*. 4. ed. London: Peter Owen, 1954.
- BROOKE, Iris. *English costume of the later Middle Ages: the fourteenth and fifteenth centuries*. London: A. & C. Black, London, 1935 (3<sup>rd</sup> edition, Joseph Press, 2008).
- CROWFOOT, Elisabeth, PRITCHARD, Francis and STANILAND, Kay. *Textiles and clothing, c. 1150-1450*. Woodbridge: Boydell Press, 2006.
- CUMMING, Valerie, CUNNINGTON, C. W. e CUNNINGTON, P. E. *The Dictionary of Fashion History*. Oxford, New York: Berg, 1976.
- DEMAY, G. *Le costume au Moyen Âge d'après les sceaux*, Paris: D. Dumoulin, 1880.
- DORNIER-BUIN, Clarisse et DORNIER, Gilbert. *Le costume dans l'antiquité, moyen-âge et renaissance*. St. Mandé: La Tourelle, 1953.
- FUNCKEN, Liliane and FUNCKEN, Fred. *Costume, l'armure et les armes au temps de la chevalerie*, Tournai: Catterman, 1977-1978.
- HAGENEY, Wolfgang. *Costumes French female 1037-1870*. Rome: Belvedere, 1981.
- HOUSTON, Mary G. “Medieval costume in England and France: the 13<sup>th</sup>, 14<sup>th</sup> and 15<sup>th</sup> centuries”. In: *A technical history of costume*, vol. III. London: Adam & Charles Black, 1939.
- KELLY, Francis M. and SCHWABE, Randolph. *A short history of costume and armour*. Newton Abbot: David Charles, 1972.
- LAVIER, James (et all.). *Breve historia del traje y la moda*. 5. ed. Madrid: Catedra, 1995.
- MADRAZO, Carmen Bernis. *Indumentaria medieval española*. Madrid: Instituto Diego Velazquez, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. “O traje”. In: *A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.
- MIRANDA, Sílvia. *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (2<sup>a</sup> parte)*. Relatório final de estágio de mestrado em crítica textual, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.
- NASCIMENTO, Aires Augusto. *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*, v. 1. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2012.
- PEIXEIRO, Horácio Augusto. “Imagem e Tempo: Representações do poder na Crónica Geral de Espanha”. In: *Revista de História da Arte*, n. 7, 2009, p. 152-177.
- PEIXEIRO, Horácio Augusto. “Um retrato de D. Duarte na Crónica Geral de Espanha?”. In: *BARREIRA, Catarina e SEIXAS Miguel Metelo de (coords.). D. Duarte e a sua época: arte, cultura, poder e espiritualidade*, Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014.
- PENDERGAST, Sara, PENDERGAST, Tom and HERMSEN, Sarah. *Fashion, costume and culture (...)*, vol. 2: Early cultures across the globe, Detroit: U.X.L., 2003-2004.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 8 (2018/1)*  
*Between the sacred and the profane: paths of Western Art*  
*Entre lo sagrado y lo profano: caminos del Arte occidental*  
*Entre o sagrado e o profano: caminhos da Arte ocidental*

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

- PIPONNIER, Françoise et MANE, Perrine. *Se vêtir au Moyen Âge*. Paris: Adam Biro, 1995.
- PITON, Camille. *Le costume civil en France du XIIIe au XIXe siècle*. Paris: Ernest Flammarion, 1926.
- ROTHERO, Christopher. *Medieval military dress 1066-1500*. Poole: Blandford, 1983.
- SCOTT, Margaret. *Medieval Dress and Fashion*. British Library, 2009.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos. *História do traje em Portugal*. Porto: Chardron, s.d.
- SOUSA, Luís Correia de, MIRANDA, M<sup>a</sup> Adelaide. “Representação do corpo na Crónica Geral de Espanha”. In: *Jorge Crespo, Estudos em Homenagem*, Lisboa: Ed. 100 LUZ, 2009.
- THIENEN, Frithjof van, *Huit siècles de costume*, Verviers: Gérard, 1961.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins. *A iluminura do Manuscrito 1 Série Azul da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa: da técnica e do estilo individual ao posicionamento no seu ambiente criador*, Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- [TIBÚRCIO, Catarina Martins. “A memória no programa decorativo da Crónica Geral de Espanha de 1344”. In: \*Revista Roda da Fortuna – Revista eletrónica sobre Antiguidade e Medievo, Dossier temático – A memória na Antiguidade e na Idade Média: utilizações, reutilizações, formulações e reformulações, Brasil, 2016, p. 154-182.\*](#)
- TIBÚRCIO, Catarina Martins. “As iluminuras da *Crónica Geral de Espanha de 1344*: introdução a um estudo formalista integral”. In: *Cadernos de História da Arte*, Revista do Instituto de História da Arte – Centro de Investigação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n. 1, 2013.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins. “As técnicas e os estilos na iluminura da *Crónica Geral de Espanha de 1344* e a Igreja de Santo Isidoro de Leão”. In: *Invenire – Revista do Secretariado dos Bens Culturais da Igreja*, Lisboa, 2015.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins. “O manuscrito da *Crónica Geral de Espanha de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa: problematização em torno das questões da origem e da execução”. In: AFONSO, Luís Urbano e RÂMOA, Joana (coords.). *O fascínio do gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*, Lisboa, 2016.
- YARWOOD, Doreen. *European Costume – 4000 years of fashion*. B.T. Batsford, 1975.